

PREVALÊNCIA DE DOR CRÔNICA ENTRE HOMENS E MULHERES: UM ESTUDO COMPARATIVO

PREVALENCE OF CHRONIC PAIN BETWEEN WOMEN AND MEN: A COMPARATIVE STUDY

Jessica Bruna Florêncio e Silva^{I*}, Alice Anny Diniz Rocha^{II}, Ruana Glicya Lima Silva^{II},
Wiara Milleny Roque Linhares^{II}, Elanny Mirelle da Costa^{III}, Joelma Gomes da Silva^{IV}

Resumo. A dor pode ser compreendida segundo a Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) como uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a um dano real ou potencial de tecidos, ou descrita em termos de tal dano. É responsável por manifestar sintomas que extrapolam o quadro algóico, gerando alterações nos padrões de apetite, sono, libido, episódios de irritabilidade, modificações de energia, diminuição da capacidade de se manter concentrado, afetando atividades familiares, profissionais e sociais. Este estudo teve como objetivo analisar de maneira comparativa a prevalência de dor crônica entre homens e mulheres e seus fatores associados. Tratou-se de um estudo transversal e descritivo com abordagem quantitativa, desenvolvido no Estado do Rio Grande do Norte no período de janeiro a junho de 2021 por meio eletrônico. Neste estudo foram incluídas pessoas de ambos os sexos, maiores de 18 e até 65 anos, que eram usuárias de redes sociais (Facebook, Whatsapp, Instagram ou Telegram) e que apresentavam alguma doença de base associada à dor crônica, ou que apresentassem esse quadro doloroso de maneira idiopática. A presença de dor crônica foi predominantemente maior nas mulheres do que em homens ($p=0,001$). Na análise, os fatores associados mais frequentes foram: idade entre 21 e 40 anos (44,5%), residente em zona urbana (96,4%), nível superior de ensino (94,6%), autodeclarados de cor branca (46,8%), com renda mensal a cima de 1,5 salário mínimo (36,4%), católicos (43,2%) e casados (40,9%). Mesmo a dor se apresentando como um sintoma subjetivo e individualizado, há uma maior prevalência de tal sintomatologia no sexo feminino quando comparado com o sexo masculino, dessa maneira, é de suma importância, analisar os fatores associados dentro do seu contexto e considerar as experiências de vida para uma melhor compreensão multifatorial da dor crônica

PALAVRAS-CHAVE: Dor Crônica. Fatores de Riscos. Fatores Socioeconômicos. Prevalência.

Abstract. Pain can be understood according to the International Association for the Study of Pain (IASP) as an unpleasant sensory and emotional experience associated with actual or potential tissue damage or described in terms of such damage, being responsible for manifesting symptoms that go beyond the painful condition, generating changes in appetite, sleep, libido, episodes of irritability, energy changes, decreased ability to stay focused, affecting family, work, and social activities. This study aimed to comparatively analyze the prevalence of chronic pain between men and women and its associated factors. It was a cross-sectional and descriptive study with a quantitative approach, developed in the State of Rio Grande do Norte, Brazil, from January to June 2021 by electronic means. In this study, people of both sexes, older than 18 and up to 65 years old, social network users (Facebook, WhatsApp, Instagram, or Telegram), and who had some underlying disease associated with chronic pain or who had this painful condition were included in an idiopathic way. The presence of chronic pain was predominantly higher in women than in men ($p=0.001$). In the analysis, the most frequent associated factors were: age between 21 and 40 years old (44.5%), urban areas residents (96.4%), higher education (94.6%), self-declared white (46.8%), with monthly income above 1.5 minimum wage (36.4%), Catholics (43.2%) and married (40.9%). Even though pain presents itself as a subjective and individualized symptom, there is a higher prevalence of such symptomatology in females when compared to males, thus, it is of paramount importance to analyze the associated factors within their context and consider the experiences of life for a better multifactorial understanding of chronic pain.

KEYWORDS: Chronic Pain. Risk factors. Socioeconomic Factors. Prevalence.

^IGraduando(a). Curso de Fisioterapia da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN).
CEP: 59604-240. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. *Autor correspondente: jessicabruna901@gmail.com
ORCID ID: 0000-0001-8227-1944.

^{II}Graduando(a). Curso de Fisioterapia da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN).
CEP: 59620-410, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.
ORCID ID: 0000-0003-4947-537; 0000-0001-9415-8180; 0000-0001-5079-5700.

^{III}Fisioterapeuta. Especialista em Fisioterapia Neurofuncional pela Faculdade Diocesana de Mossoró.
CEP: 59614700, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil
ORCID ID: 0000-0002-2947-7529.

^{IV}Fisioterapeuta. Mestre em Saúde e Sociedade pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte.
CEP: 59614700, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil
ORCID ID: 0000-0001-7088-6191

INTRODUÇÃO

A dor pode ser compreendida segundo a Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) como uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a um dano real ou potencial de tecidos, ou descrita em termos de tal dano. Quando relacionada ao tempo de permanência pode ser classificada em aguda, quando se dá de maneira mais insidiosa e é autolimitada; ou crônica com uma duração maior que três meses e se dá de maneira contínua ou recorrente¹.

É importante lembrar que a dor crônica (DC) vai além de um sintoma, se caracterizando como a doença que persiste e, mesmo após a cura da lesão, ela não desaparece, ou está diretamente relacionada ao processo patológico crônico. Dessa forma, acaba por ocasionar diminuição da mobilidade, alterações de flexibilidade, força muscular, necessidade de adaptação de marcha, redução de funcionalidade e prejuízo nas atividades de vida diária².

No que concerne a sua epidemiologia, sabe-se que essa sintomatologia se faz presente em boa parte da população mundial,

tendo maior incidência em pessoas com mais de 60 anos e se apresentando principalmente na forma de dores musculoesqueléticas. No que se refere ao Brasil, há poucas evidências que comprovem de forma clara sobre a epidemiologia e fatores associados³.

Dessa forma, é importante expor que a persistência da sintomatologia dolorosa acaba por manifestar sintomas que extrapolam o quadro algíco, gerando alterações nos padrões de apetite, sono, libido, episódios de irritabilidade, modificações de energia, diminuição da capacidade de se manter concentrado, afetando atividades familiares, profissionais e sociais⁴.

Portanto, diante da alta incidência e prevalência de DC na população geral, dos danos que acarreta nos indivíduos acometidos, além da necessidade de dados que apontem tanto para prevalência, como para associações quanto ao aparecimento do quadro; esse estudo teve como objetivo analisar de maneira comparativa a prevalência de dor crônica entre homens e mulheres e seus fatores associados.

MATERIAL E MÉTODOS

Essa pesquisa caracteriza-se como sendo descritiva, transversal e com abordagem quantitativa. Foi desenvolvida no Estado do Rio Grande do Norte no período de janeiro a junho de 2021, por meio eletrônico. A seleção foi realizada através de uma chamada pública, sendo considerados aqueles que têm dor crônica de acordo com a classificação da IASP. Após a chamada, feita nas redes sociais para aqueles indivíduos que demonstraram

interesse, foi feito um direcionamento individualizado para explicação mais detalhada da pesquisa, além da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Em todo momento foi garantida a privacidade do indivíduo e durante todo o andamento da pesquisa houve disponibilidade das pesquisadoras para retirar dúvidas sobre o processo. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética das Faculdades Nova Espe-

rança sob o parecer nº 4.628.266.

Seguidas essas etapas, foram disponibilizados os instrumentos de coleta de dados por meio do Google Forms onde cada indivíduo respondeu a um questionário sociodemográfico e clínico com dados sobre a idade, local de moradia, estado civil e perfil da dor entre outros questionamentos. Posteriormente, foi utilizado o questionário Pain Detect que é considerado uma triagem com alto nível de confiabilidade para pacientes com dores de maneira geral, pois o indivíduo consegue apontar o local e o nível de dor sentida por meio de uma escala, avaliando assim a intensidade e sensibilidade.

Neste estudo, foram incluídas pessoas de ambos os sexos, maiores de 18 e até 65 anos, que eram usuários de redes sociais (Facebook, Whatsapp, Instagram ou Telegram) e que apresentavam alguma

doença de base associada à dor crônica ou que apresentassem esse quadro doloroso de maneira idiopática. Como critérios de exclusão, foram levados em consideração aqueles indivíduos que apresentavam déficit cognitivo, neurológico ou psiquiátrico, estando impossibilitados de responderem aos questionamentos, ou sem acesso total à internet.

Para fins estatísticos os dados desta pesquisa foram expressos em média e desvio padrão, bem como valores mínimos, máximos, frequência simples e porcentagem obtidos, através do programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 23.0. Já as diferenças estatísticas entre os grupos (masculino e feminino) para escores de dor foram obtidas por Mann-Whitney. O nível de significância estabelecido foi de 5%.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados abaixo se referem a uma amostra de 111 indivíduos residentes no Estado do Rio Grande do Norte com distribuição em tais cidades: Mossoró, Natal, Parnamirim, Baraúnas, Upanema, Angicos, Pau dos Ferros, Assú e Areia Branca. Portanto, na tabela 1 são apresentados os dados de caracterização sociodemográfica e econômica desta amostra com suas respectivas frequências. Foi possível observar um predomínio de indivíduos com a idade entre 21 a 40 anos (44,5%), seguida da faixa etária dos 41 aos 60 anos (34,5%); o que aponta para um aparecimento da dor crônica desde a juventude até a terceira idade.

Ainda nesta mesma tabela, pode-se observar que houve prevalência do sexo

feminino que corresponde a 73%, o que evidencia a feminização relacionada a dor crônica. Com relação ao local de moradia, a zona urbana foi a mais afetada com 96,4%, além daquelas pessoas com o nível superior de escolaridade (94,6%). Diante desses dados, pode-se inferir que as relações da globalização, modernização e os maus hábitos de vida da sociedade urbanizada podem influenciar no surgimento de diversas dores e disfunções.

TABELA 1: Valores de frequência simples e porcentagem dos dados sociodemográficos e econômicos de acordo com os respondentes (n=111).

Variáveis	Nº	%
Idade*		
Até 20 anos	17	15,5
21 a 40	49	44,5
41 a 60	38	34,5
Acima de 60	06	5,5
Média ± desvio padrão	36,0 ± 14,0	
Mínimo – máximo	19 – 65	
Sexo		
Feminino	81	73,0
Masculino	30	27,0
Zona		
Urbana	107	96,4
Rural	04	3,6
Escolaridade		
Analfabeto	02	1,8
Médio	04	3,6
Superior	105	94,6
Raça		
Branca	52	46,8
Preta	09	8,1
Parda	46	41,5
Superior	04	3,6
Renda mensal		
Sem renda	19	17,3
Menos que meio salário-mínimo	07	6,4
De meio a um salário-mínimo	17	15,5
1 a 1,5 salário-mínimo	20	24,4
Mais de 1,5 salário-mínimo	40	36,4
Religião		
Católico	48	43,2
Cristã	47	42,3
Espírita	03	2,7
Sem religião	13	11,8
Estado civil		
Solteiro	45	40,9
União estável	09	8,2
Casado	44	40,0
Divorciado	09	8,2
Viúvo	03	2,7

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Ainda sobre o perfil da amostra, um dado que chamou a atenção foi a raça, obtida por auto declaração. Pois, mesmo na região, houve predominância da raça parda, já a prevalência pelo autorrelato para a cor branca

foi maior (46,8%).

No que se refere à renda mensal, houve uma predominância de indivíduos que recebem mais de 1,5 salário mínimo ao mês (36,4%). A religião mais apontada foi o catolicismo

mo com 43,2% e em relação ao estado civil houve uma discreta diferença entre solteiros e casados de 40,9% a 40,0% respectivamente.

Com base em um estudo, que analisou os dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013, foi identificado que a dor crônica, principalmente na coluna, teve maior prevalência em homens e mulheres residentes da zona rural. Nas mulheres observou-se que a maior prevalência é a das autodeclaradas brancas^{5,6}. Resultados que diferem do estudo de Rocha⁷, em que se verifica que a presença de dor crônica na amostra estudada foi de 56%, sendo mais relatada pelos participantes que residem na zona urbana (38%). Estes resultados estão de acordo com nosso estudo.

O fator cor da pele ainda foi analisado pelo autor Sá⁸ em um estudo sobre a prevalência de dor crônica. Foram entrevistadas 2.297 pessoas e a maior parte da amostra (43,9%) se autodeclarou de cor parda. Já em relação à religião, estudiosos desenvolveram um trabalho em uma unidade ambulatorial de um hospital público, onde entrevistaram 60 pacientes em busca de informações sobre suas dores, cultura e cuidados. A maioria destes integrantes informaram ser da religião católica, dado que coincide com nosso artigo. É importante frisar que a religião pode mudar a percepção que o indivíduo tem da dor, podendo a fé religiosa auxiliar na tolerância a dor, ou mudar significativamente o padrão de comportamento, de acordo com o grupo religioso que a pessoa acredita⁹.

Segundo Hecke¹⁰, a presença de dor crônica envolve variáveis físicas, psicológicas e sociais e está associada a fatores modificáveis, tais como, alcoolismo, tabagismo,

sedentarismo e obesidade, e a fatores não modificáveis, como idade avançada, sexo feminino, etnia e histórico socioeconômico. Nesta perspectiva, o estudo de Souza¹¹ mostrou que a prevalência de dor crônica no Brasil é de 39%, com média de idade de 41 anos, e maior incidência no sexo feminino. Já Malta⁶ aponta que a dor crônica aumenta progressivamente com a idade em ambos os sexos.

Quando se avalia as variáveis ligadas ao indivíduo, Henschke, Kamper e Maher¹² mostraram que baixa escolaridade, baixa renda e desemprego estão relacionados a presença de dor, indicando que há uma relação inversa entre a prevalência dolorosa e o nível socioeconômico. O que discorda com o presente estudo em que foi observado maior ocorrência de dor em pessoas com nível superior de escolaridade e maior renda mensal. Porém, isso pode estar relacionado com a maior frequência de participantes com essas características nesta pesquisa.

Na tabela 2, pode-se observar a diferença dos respondentes quanto ao sexo, sendo que o feminino apresentou maior frequência de respostas (73%). Isto pode apontar para a provável perspectiva de as mulheres estarem mais envolvidas nas questões de cuidado com sua saúde e dessa forma, estando mais sensíveis e atentas a chamadas para avaliação do seu quadro geral. Vale salientar que, dentro do período de coleta de dados, houve dificuldades quanto à adesão a pesquisa e, apesar de ter sido feita a mesma abordagem para ambos os grupos, o público feminino se mostrou mais aberto a participação.

TABELA 2: Valores de frequência simples, porcentagem, média \pm desvio padrão dos escores de dor de acordo com o sexo.

Sexo	Freq.	%	Média	D e s v i o padrão	Mínimo	Máximo	p-valor
Feminino	81	73,0	21,27	7,85	6,0	41,0	<0,001*
Masculino	30	27,0	14,83	7,00	7,0	36,0	

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Observando ainda a tabela 2, nota-se que quando realizada a comparação da presença de dor de acordo com o sexo, a média feminina se apresentou superior a masculina e dessa forma foi possível encontrar uma diferença estatisticamente significativa entre ambos ($p=0,001$). Estes dados, portanto, apontam para o fato de que ser mulher se apresenta como fator de risco para sentir dor crônica.

Nesta perspectiva, Vasconcelos e Araújo⁴ buscaram artigos que demonstrassem a prevalência de dor crônica na população brasileira e os resultados apontaram que de dez trabalhos analisados, em seis, o sexo feminino prevaleceu em relação ao domínio da dor crônica. Essa prevalência pelo sexo feminino também é demonstrada em outros estudos como o de Sá⁸, com uma amostra de 2.297 pessoas, em que os resultados apontaram que a dor crônica foi maior em mulheres que em homens, estando de acordo com este estudo.

Em outro estudo, ao se analisar a prevalência de dor crônica em 505 trabalhadores de uma Universidade em Londrina/ PR, 310 funcionários relataram sentir dores a mais de 6 meses, sendo que 69,2% eram do sexo feminino e 52,2% do sexo masculino.⁴ Também foi observado por Ferreti¹³, em uma pesquisa com 385 idosos do município de Chapecó/SC, que dores crônicas

ocorreram mais em mulheres. Assim, acredita-se que a presença de dor crônica pode estar associada a diversos fatores, sendo eles, variações hormonais, menor tolerância a dor e a capacidade de explicar e demonstrar essa sensação.

Nesse contexto, foi realizada uma pesquisa exploratória em uma unidade de saúde com 60 participantes e nas entrevistas foi analisada a percepção da dor de cada indivíduo a respeito do sexo oposto. Dentre as mulheres entrevistadas, 80% relataram que os homens são mais sensíveis a dor, já que a mulher passa por diversas dores ao longo da vida, como cólicas, dores do parto e os homens não têm dimensão dessas dores. Por outro lado, os homens entrevistados responderam que acreditam que a percepção e a prevalência da dor sejam a mesma, porém, as mulheres são criadas para demonstrarem suas dores e sofrimento com mais emoção.⁸

Entretanto, Nazaré¹⁴ relata que a diferença de dor entre os sexos pode variar entre os estudos, devido ao método de mensuração e as características psicológicas de cada pessoa, que podem ser fatores que influenciam no resultado. Ressalta também que a população feminina é submetida a condições de dor com mais frequência, tendo assim uma melhor capacidade de descrever esse sintoma, além de possuir um limiar sensorial mais baixo, menos tolerância a dor

e uma sensação mais desagradável. Porém, deve-se levar em consideração que cada experiência vivida, pode interferir na mensuração de dor crônica de cada indivíduo

De maneira geral e devido às limitações deste estudo, alguns pontos ainda necessitam ser mais bem esclarecidos. O fato de a pesquisa ter sido feita de maneira remota,

devido o momento da pandemia, acabou por diminuir o alcance da população, pois a adesão, quando comparada a população em todo estado, não foi satisfatória, mesmo que o tempo de coleta tenha se estendido. Porém, mesmo com essa limitação, este estudo contribui substancialmente para o estudo da dor e o entendimento de fatores relacionados.

CONCLUSÃO

A dor se apresenta como um sintoma subjetivo que necessita ser visto de maneira individualizada. Portanto, analisar os fatores associados, dentro do seu contexto, e considerando as experiências de vida, é fundamental na compreensão multifatorial dessa sintomatologia.

No entanto, a partir do objetivo proposto, foi possível inferir que há uma maior prevalência de dor no sexo feminino

quando comparado ao sexo masculino. Além da diferença entre os sexos, foi encontrada também uma maior frequência do quadro algico naquelas pessoas com alto nível de escolaridade e maior renda mensal.

Sugere-se a realização de novas pesquisas que englobem maior quantitativo de pessoas com essa sintomatologia para ampliação dos resultados presentes na literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Raja, S. N; Carr, D. B; Cohen, M; Finnerup, N. B; Flor, H; Gilbson, S et al. The revised International Association for the Study of Pain definition of pain: concepts, challenges, and compromises. *Pain*. 2020; 161(9): 1976-82.

2. Carvalho, R. C., Maglioni, C. B., Machado, G. B., Araújo, J. E., Silva, J. R. T., Silva, M. L. Prevalence and characteristics of chronic pain in Brazil: a national internet-based survey study. *Br J Pain*. 2018;1(4): 331-8.

3. Pontin, J. C. B; Di, K. C. S; Dias, S. A; Teramatsu, C; Matuti, G; Mafra, L. Efeitos positivos de um programa de educação em dor em pacientes com dor crônica: estudo observacional. *BrJP*.

2021; 4:130-135.

4. Vasconcelos, F. H., & Araújo, G. C. D. Prevalência de dor crônica no Brasil. *Br J Pain*. 2018;1(2):176-6. DOI 10.5935/2595-0118.20180034.

5. Aguiar, D. P., Souza, C. P. Q., Barbosa, W. J. M., Santos-Júnior, F. F. U., Oliveira, A. S. Prevalência de dor crônica no Brasil: revisão sistemática. *BrJP*. 2021;4(3): 257-67.

6. Malta, D. C., Oliveira, M. M. D., Andrade, S. S. C. D. A., Caiaffa, W. T., Souza, M. D. F. M. D., & Bernal, R. T. I. Fatores associados à dor crônica na coluna em adultos no Brasil. *Revista*

de Saúde Pública. 2017;51(1): 1-12.

7. Rocha, A. D. X., Alfieri, F. M., Silva, N. C. O. V. Prevalência de dor crônica e fatores associados a uma pequena cidade do sul do Brasil. *Br J Pain*. 2021;4(3): 225-231.

8. Sá, K., Baptista, A. F., Matos, M. A., Lessa, I. Prevalência de dor crônica e fatores associados na população de Salvador, Bahia. *Rev Saúde Pública*. 2009;43(4): 622-630.

9. Castro, S., Cavalcanti, I. L., Barrucand, L., Pinto, C. I., Assad, A. R., Verçosa, N. Implementação de atendimento ambulatorial para dor crônica: resultados preliminares. *Rev Bras Anestesiol*. 2019;69(3): 227-32.

10. Hecke, O. V., Torrance, N., Smith, B. H. Chronic pain epidemiology - where do lifestyle factors fit in?. *Br J Pain*. 2013;7(4): 209-217.

11. Souza, J. B. et al. Prevalence of Chronic Pain, Treatments, Perception, and Interference on Life Activities: Brazilian Population-Based Survey. *Pain Res Manag*. 2017; 1-9.

12. Henschke, N., Kamper, S. J., Maher, C. G. The epidemiology and economic consequences of pain. *Mayo Clin Proc*. 2015; 90(1): 139-147.

13. Ferretti, F., Silva, M. R., Pegoraro, F., Baldo, J. L., Sá, C. A. Chronic pain in the elderly, associated factors and relation with the level and volume of physical activity. *Br J. Pain*. 2019;2(1): 3-7.

14. Nazaré, M. S. L., Silva, J. A. M. G., Navega, M. T., Fagnello-Navega, F. R. Comparação do limiar de dor e duração da percepção da dor em homens e mulheres de diferentes idades. *Fisioter Mov*. 2014;27(1): 77-84.